



UMA VIDA LABORAL NATURALIZADA PELA SUTIL EXPLORAÇÃO DO TRABALHO CAPITALISTA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3847

Antônio Marcos Lima
Keila Pereira da Silva

Resumo

O presente artigo foi feito como parte de um processo avaliativo para o Módulo Sobre Mundos de Trabalho do curso de especialização, ao qual se propõe apresentar o resultado da pesquisa realizada com Dona Dulcinalva. Tínhamos como objetivo refletir sobre as condições do trabalho no contexto de sua vivência fazendo uma ponte entre o trabalho rural e o doméstico. Usamos como metodologia a História Oral e como técnica a entrevista, procuraremos discutir quais eram as relações de trabalho de dona Dulce no campo/colheita. François Dosse (2009) diz que, “O historiador evidencia possibilidades metodológicas para se construir uma história a partir de vidas que deixaram rastros fragmentados”. O trabalho no campo deixou marcas em Dona Dulce ficando claro em sua fala, em seus gestos e no seu corpo, a falta que aquela vida lhe faz. Para ela aquele mundo era perfeito e seus padrões buscavam ser justos com seus funcionários tanto no meio rural como no doméstico. Bauman (2005) também fala que, ao considerar que a “metodologia utilizada para abordar um assunto busca acima de tudo “revelar” a miríade de conexões entre o objeto da investigação da vida na sociedade humana”. Por concordar com que diz o autor sobre a metodologia, optamos pela abordagem através da entrevista, acreditando que assim conseguiríamos argumentos e conhecimentos das relações do mundo do trabalho rural e doméstico.

Palavras Chave:

Trabalho no campo;
trabalho doméstico;
percepção de mundo.

Introdução

Esse artigo propõe analisar a entrevista realizada com Dona Dulcinalva Rodrigues de Brito onde nos permitiu refletir sobre as condições do trabalho no contexto de sua vivência, fazendo uma ponte entre o trabalho rural e o doméstico. Com a intenção de coletar dados básicos da vida da entrevistada, procuraremos discutir a relação entre as temáticas presentes nos contextos do Mundos do trabalho e as experiências vividas por essa cidadã ao longo de sua caminhada laboral.

Dona Dulce, como gosta de ser chamada, foi criada em uma família de 12 irmãos onde todos eram envolvidos no trabalho rural desde muito pequenos, suas vidas e percepções de mundo e cultura foram constituídas nesses lugares, nesse chão.

Essa senhora viveu sua vida toda no trabalho rural em Mato Grosso do Sul e quando deixou o trabalho no campo, foi para a cidade perdendo o marido em um suicídio, o que até hoje não se tem justificativas plausíveis para tal. Essa ruralista criou seus 3 filhos sozinha nas colheitas de milho, soja, mamona e algodão, e quando a maquinaria chegou nas lavouras perdeu seu espaço, foi para cidade e deu início ao trabalho como empregada doméstica em Jateí MS, a vida na cidade não estava fácil então decidiu tentar a vida em outro vindo para Rondonópolis com os filhos onde continuou seu trabalho como doméstica até pouco tempo atrás.

O pesquisador constrói histórias a partir dos rastros deixados no decorrer do caminho rastros estes muitas vezes fragmentados que evidencia inúmeras possibilidades de métodos. “[...] sabe que o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica. A porta permanece escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das efrações individuais e de seus traços no tempo.” (DOSSE, 2009 p. 410 apud LORENZETTI, 2010 p.04)

O trabalho no campo deixou

marcas em Dona Dulce o que era evidenciada em sua fala e em seus gestos corporais; a falta que aquela vida de trabalho lhe faz para ela aquele mundo era perfeito e seus patrões eram os melhores, em sua ótica, todos patrões que ela teve quando trabalhava na colheita e como doméstica buscavam ser justos com seus funcionários as condições de trabalho não lhe faziam muita diferença, as substituições da mão de obra humana pelas máquinas marcaram sua existência, a exclusão de uma vida inteira de trabalho, a desapropriação de sua cultura e de mundo. Como é apontado François na citação acima, foram deixados rastros fragmentados em sua vida que não voltam mais, mas que lhe fazem muita falta, embora sutilmente se estabeleça uma exploração desencadeada e naturalizada.

Bauman (2005 apud FIGUEIRA 2013, p. 289) também ressalta que, ao considerar que a “metodologia utilizada para abordar um assunto busca acima de tudo “revelar” a miríade de conexões entre o objeto da investigação da vida na sociedade humana”. Por concordar com o que relata o autor sobre a metodologia, optamos pela abordagem através da entrevista, acreditando que assim conseguiríamos argumentos e conhecimentos das relações do mundo do trabalho rural e doméstico. A entrevista evidencia os sentimentos e traz conhecimentos enriquecedores para a pesquisa e escrita. “A entrevista é um método privilegiado para apreender a subjetividade das pessoas, ” (SILVA, 2010, p.26).

Desenvolvimento

O mundo do trabalho é um mundo onde nós construímos parte da nossa identidade como pessoa e cidadão. Nesse contexto os autores contribuem dizendo:

O fariseu capitalista, [...] denuncia essa bestialidade que ele mesmo criou, eterniza e explora e que batizou com o nome de “liberdade

de trabalho”. [...]. Sem força para aguentarem trabalho tão desproporcional, sem instrução para orientá-las mais tarde, foram lançadas a uma situação física e moralmente abjeta. (Public Economy Concentrated, Carlisle, 1833, p.66.) apud (MARX, 2014, p.453)

Dona Dulce, imersa em um campo trabalhista, aparentemente satisfatório, mas sem a clara percepção que estava fazendo parte de uma jogada capitalista e subversiva que se utilizava tanto de sua mão de obra barata quanto de seus familiares, incluindo a presença de seus pequenos filhos, não consegue notar, a violência na qual ela e sua família tinham sido expostas. Naturalizou-se, dentro desse contexto caótico de exploração, uma satisfação, citada por ela mesma: plena por se sentir parte do processo de trabalho: *animal laborans*.

Pesquisador: Quais eram as maiores dificuldades que a senhora encontrava para trabalhar na colheita?

Dulce: Uai a maior dificuldade é que tinha que levar tudo né, se tinha que sair com fi tinha que sair com uma penca de coisa com um monte de coisa você tinha que levar leite, levar, água, mamadeira levar tudo.

Pesquisador: E o trabalho a senhora não achava muito pesado?

Dulce: Não. Eu gostava.

A partir dessa conversa podemos dialogar com ARENDT (2000, p.153).

A satisfação desta violência é a mais elementar sensação da força humana e, portanto, o exato oposto do esforço doloroso e exaustivo experimentado no simples labor. Pode produzir no homem a satisfação e a segurança de si mesmo, e até mesmo enchê-lo de confiança durante toda vida.

Os apontamentos acima são bem observados ao longo da entrevista pela naturalidade que dona Dulce relata os fatos, vívidos em sua mente, mas de forma normal sem maiores descontentamentos,

mesmo aqueles referentes à forma de vida dura que levou em sua existência como trabalhadora rural. Ou talvez silenciadas pelos desdobramentos que constituíra sua vida. “As trajetórias das mulheres trabalhadoras rurais pressupõem uma vida modelada sobre uma rede, cheia de buracos, que são as zonas de silêncio.” (SILVA, 2010, p.28)

É interessante o fato de que uma cultura fora repassada de pai para filho. Cultura essa marcada pela exclusão social, alinhada à pobreza e a imposição que a sociedade, em que nossa entrevistada se encontrava, podia lhe oferecer: o trabalho que dignificava o homem.

Pesquisador: Quando a senhora era pequena trabalhava toda a família, pais e irmãos?

Dulce: Os irmãos tudo, o pai e os irmãos, mamãe não trabalhava não, não alcancei mamãe trabalhando não, assim nós íamos mais papai, ela ficava fazendo a boia, mas os filhos que guentava trabalhar iam tudo.

Pesquisador: Quando era pequeninos, ficavam com ela em casa?

Dulce: Haram... pequenininho era.

Pesquisador: Depois que a senhora casou, eu gostaria assim... que contasse como foi a trajetória porque depois casou continuou trabalhando no meio rural né?

Dulce: Hurum... continuou a mesma coisa trabalhando na roça, continuou a mesma coisa porque assim Toim trabalhava na serraria mais aí eu trabalhava na roça, e aí nois tocava roça também.

No desenrolar dos diálogos, percebe-se a presença forte de exclusão em que nossa entrevistada juntamente com sua família correlacionava-se de forma intrínseca, mesmo pertencente à um contexto tênue de desterritorialização. “[...], a desterritorialização como exclusão, privação e/ ou precarização do território enquanto “recurso” ou “apropriação” (material simbólico) indispensável à nossa participação efetiva como membros de

uma sociedade”. (HAESBAERT, 2012, p.315)

Nessa lógica podemos nos ater ao conceito de exclusão proposto por CASTEL (1998, p.568-569 apud HAESBAERT, 2012, p.319)

A exclusão não é uma ausência de relação social, mas um conjunto de relações sociais particulares da sociedade tomada como um todo. Não há ninguém fora da sociedade, mas um conjunto de posições cujas relações com seu centro são mais ou menos distendidas:

Essa desterritorialização e exclusão eram tão parte de nossa entrevistada, que no contínuo de sua vida e suas escolhas, desde criança e até a fase adulta, viu-se em uma normalidade trabalhista que não a permitia vislumbrar o contrário: o seu pertencimento e real identidade.

Nesse contexto os autores nos contribuem afirmando:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a identidade não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005, p.17) apud (NETO, FEITOSA, CASTRAVECHI, MORAES, 2013, p.297)

Pesquisador: o que aconteceu com vocês depois que saíram dessa fazenda?

Dulce: depois que nós saíamos da fazenda fomos trabalhar nas fazenda de colheita em colheita, de algodão era assim trabalhavam 6 meses na colheita e depois parava porque não tinha colheita... juntava todo mundo pra fazer a colheita era 40, 50 70, 80 pessoas porque eram muitos caminhão que puxava para colheita então

era muita gente era gente de todo lugar o que a gente tinha pra trabalhar era as mãos o chapéu e os sacos pra ponham o algodão não tinha nada.

Pesquisador: a senhora trabalhou porquanto tempo na colheita?

Dulce: ixi foi uns bons anos, não sei quanto tempo, mas uns bons anos.

Pesquisador: depois desse tempo a senhora saiu do trabalho na colheita?

Dulce: depois dai acabaram com a colheita do algodão, dai acabou, eu fui trabalhar de doméstica.

Devido a esse cenário de exclusão, busca de identidade e pertencimento, a mobilidade foi à saída para se recriar novas modalidades de subsistência e esperança. Se acabar a oportunidade em um lugar, parte-se para outro e assim sucessivamente buscando uma “melhora” dentro de um mar de exploração trabalhista e usurpador. “Homens e mulheres contando apenas com a sua força de trabalho [...]. Mudam constantemente de atividade: [...]. Acabam por formar uma força de trabalho disponível que se desloca de uma área a outra, sempre à procura de novas terras e trabalho”. (NETO, 2009, p.77)

Outro ponto relevante dentro dessa esfera de entrevista é como são encaradas questões relacionadas à gênero e condições de trabalho, este último representado por meios insalubres e condições trabalhistas inadequadas.

Pesquisador: Quais eram as maiores dificuldades que a senhora encontrava pra trabalhar na colheita?

Dulce: Uai a maior dificuldade é que tinha que levar tudo né, se tinha que sair com fi tinha que sair com uma penca de coisa com um monte de coisa você tinha que levar leite, levar, água, mamadeira levar tudo.

É estarrecedor que os responsáveis das fazendas onde dona Dulce e sua família trabalhavam não se davam conta das dificuldades que seus empregados se encontravam, e o ponto crítico é como o fato de ter que carregar

grande número de “coisas” soava normal para ela, na qual a rotina trabalhista vendava seus olhos para qualquer forma de resistência.

Pesquisador: Como era o trabalho da senhora, a senhora tinha facão, proteção de mão, pés, máscara?

Dulce: Não. Facão enxada e chapéu. Só a proteção era só um chapéu e pronto e tinha blusa de manga comprida e mais nada.

Relatos de descaso também em relação aos cuidados com a segurança e saúde do empregado foi outro fator evidenciado durante a entrevista.

Pesquisador: Nesse período que a senhora trabalhou nessa fazenda senhora viu acontecer algum acidente de trabalho?

Dulce: Não. Nunca aconteceu, graças a Deus com ninguém, acidente, acidente assim não que eu lembre não, só Toim que machucou o dedo quase arrancou o dedo na serra.

Pesquisador: Quando aconteceu esse acidente com ele o fazendeiro deu alguma assistência ou eram vocês que tinha que cuidar sozinhos?

Dulce: Não assim, só mandou ele ir no médico, mas ele não foi não, não foi não, enrolou o dedo em casa só que o dedo ficou duro, ele coisava e ele ficava assim. (me mostrando)

Pesquisador: E o fazendeiro não se preocupou?

Dulce: Não o capataz mandou ir, vai lá em Jateí, mas ele não foi não.

Ao analisar essas falas e notar os fatores de extrema exploração, insegurança e insalubridade, entretanto observa-se também que mais uma vez, tais aspectos passam despercebidos pela nossa entrevistada. Situações que aos seus olhos faziam parte de um contexto trabalhista habitual e que não via necessidade de objeção, porque como um rio, a vida seguia seu curso natural.

Diante disse NETO (2009, p.81), afirma que:

Desse modo, os relatos reconstituem imagens da violência

física e simbólica a que estes trabalhadores se encontram submetidos, denunciando as formas de superexploração da força de trabalho, a quebra de contrato social, o não reconhecimento da sua condição de cidadãos. (NETO, 2009, p.81)

No que tange a temática de gênero, nota-se que a visão patriarcal imperava, criado como que um arquétipo de “pai-patrão” que indicava o que a família devesse fazer e os membros desta obedeciam, como tomado por uma cultura normativa familiar. Cada um tinha seu papel definido e explicitamente direcionado pela figura paterna dominadora.

Pesquisador: Quando a senhora era pequena trabalhava toda a família, pais e irmãos?

Dulce: Os irmãos tudo, o pai e os irmãos, mamãe não trabalhava não, não alcancei mamãe trabalhando não assim nós íamos mais papai, ela ficava fazendo a boia, mas os filhos que guentava trabalhar iam tudo.

Diante desse diálogo de submissão familiar, reflexos de uma sociedade patriarcal, os autores nos afirmam que: “A submissão à figura do pai autoritário, [...], é um dos reflexos do conteúdo da ideologia do patriarcado, extensivo ao espaço do trabalho na roça, onde a figura do pai-patrão se confundia com a dos feitores das fazendas e empresas”. (SILVA, 1997; ANDRIOLLI, 2006) apud (SILVA, 2010, p.17)

A presença de crianças dentro desse universo trabalhista rural usurpador era também real. Os pais precisavam desenvolver suas tarefas braçais e sem ter um alguém que pudesse cuidar de seus infantes, as mães ruralistas levavam consigo seus pequenos e se dedicavam hora ao trabalho e hora ao filho que chorava com fome ou com alguma necessidade. Esse era o autêntico cenário trabalhista da época. “No café, desde muito pequenas, acompanhavam os pais tanto no período do plantio como da

colheita”. (SILVA, 2010, p.30)

Dona Dulce vivenciou isso muito bem, tendo seus filhos criados enquanto trabalhava na roça. O mais velho cuidava do mais novo e assim discorria a existência em sua normalidade laborativa.

Pesquisador: O que a senhora fazia com as crianças quando estava trabalhando na colheita/ roça?

Dulce: Levava mais eu pra roça, deixava debaixo de um pé de árvore Ailton cuidava de Anilton, quando Ailton estava pequenininho eu colocava ele na rede lá e ficava cuidando, armava uma redinha lá não era rede não fazia uma rede pano e ponhava a Anilton, Anilton tinha tanto medo de bisouro, de um bichinho desse tamanho que pousava na rede ele gritava gritava que faltava morrer e você pensava que era um bicho. Daí eu saía correndo porque Ailton não dava conta de tirar porque era pequeno diferença de 1 ano de um para o outro. Ele só ficava lá pra ficar mais ele.

As negociações dentro desse círculo social fez com que Dona Dulce pudesse construir sua história de trabalhadora rural. Refazendo práticas e experimentando outras formas de produção. Nesse contexto de construção (NETO, 2009, p.86), afirma que:

“[...] estes trabalhadores transformam o caminho em sua morada. O lugar nenhum se torna seu lugar. As identidades, algo mais vago e impreciso, são constituídas nas eventualidades das passagens, da travessias, em que trabalhar e caminhar tornam-se palavras sinônimas”. (NETO, 2009, p.86).

Nessas idas e vindas de suas caminhadas não conseguiu se perceber dentro do contexto descrito por Arendt (2000) “a banalidade do mal”, a subversão trabalhista e violenta vigente de sua época, porém encarou com normalidade essa vida transformando sua caminhada e assim firmando sua identidade.

Considerações finais

Diante de todos os acontecimentos na vida de D. Dulce, há uma educação familiar e religiosa baseada na submissão e aceitação do inevitável é como se fosse predestinado. “A ideia de destino, segundo meu entendimento, não se refere a algo predeterminado [...] a trajetória é forjada no contexto social ao qual o indivíduo pertence.” (SILVA, 2010 p.25).

Essa ideia de pertencimento é muito real na vida do ser humano, se entrega ao trabalho, que o trabalho começa a fazer parte do seu corpo. Podemos entender que a história de vida de D. Dulce foi influenciada por um contexto social ligada à época e as condições, ela foi uma guerreira, perdeu o marido muito jovem e com os filhos pequenos, não desanimou, trabalhou duro e assumiu o controle da família, provendo o sustento e educação.

A simplicidade da natureza na qual ela faz os relatos nos impressiona, quando o trabalho no campo não era mais possível, ela parte para a cidade para fazer o único trabalho possível no momento, a uma pessoa do sexo feminino sem instrução e preparo, ela não desanima e continua sua jornada como trabalhadora doméstica, sem direito a nada a não ser o seu salário, [...] “ tendo em vista o desrespeito de direitos fundamentais de trabalho e, até mesmo, de direitos humanos no que se refere à gigantesca categoria dos domésticos”[...] (SOUZA, 2015, p. 280).

Por muito tempo o trabalho doméstico foi desvalorizado, esses trabalhadores explorados, com muita luta conseguiram alguns direitos que agora com a nova lei trabalhistas correm o risco de perder, a D. Dulce trabalhou duro e venceu, ela é agradecida e feliz a tudo que conquistou principalmente na educação de seus filhos, hoje temos inúmeras D. Dulce espalhadas por aí, chefe de família, provedora do lar, mulheres guerreiras, fortes e batalhadoras que lutam diariamente pela sua sobrevivência e de seus filhos.

Referências

ARENDDT, Hanna. **A condição humana.**

Tradução de Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. – 10.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

BAUMAN, Zigmunt Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DOSSE, François. O Desafio Biográfico: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em:

ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/download/734/451

Acesso em 01 de agosto de 2017

FIGUEIRA, Ricardo Rezende; PRADO, Adonia Antunes; GALVÃO, Edna (Org.). **Privação de Liberdade ou Atentado à Dignidade:** escravidão contemporânea. Cuiabá: Mauad X, 2013.

HAESBAERT, R. **O Mito da**

Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 7ª ed. - Rio de Janeiro:

Bertrand Brasil, 2012.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I/ tradução de Reginaldo Sant’Anna. – 33ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

NETO, Regina Beatriz Guimarães. **Mundo do Trabalho.** Mato Grosso: cidades, vilas e outras áreas entre o urbano e rural. História, terra e trabalho em Mato grosso: ensaios teóricos e resultados de pesquisa/ Organizadores Marluza Marques Harres; Vitale Joanoni Neto. – São Leopoldo: Oikos; Unisinos; Cuiabá: EdUFMT, 2009.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. Mulheres Trabalhadoras Rurais – trajetórias e memórias. *Revista Ruris*. V. 04, n. 02, set/2010

SOUZA, Flávia Fernandes de. **Trabalho doméstico:** considerações sobre um tema recente de estudos na História Social do Trabalho no Brasil, *Revista Mundos do trabalho*. Vol. 7, n.13, Janeiro-Junho, 2015, p.275-296.